

## **Mais, ainda<sup>1</sup>**

*Filipe Pereirinha<sup>2</sup>*

Interrogo-me se é possível dizer mais, ainda, após tão ilustres, sábias e – acima de tudo – bem-humoradas intervenções. Confesso, aliás, que cheguei a temer que, por esta altura, já não houvesse ninguém na sala para me escutar. É o que se chama um sonho mau, um pesadelo; ou então, pelo contrário – como diria o autor da “Interpretação dos Sonhos”, o velho Freud – a realização de um desejo: como era bom que se fossem embora antes de me ouvir dizer disparates! Mas visto que tal não acontece, sinto-me na obrigação de acrescentar algo mais.

Como não tenho o dom do humor, aqui tão bem representado pelo nosso querido Nicolau Breyner, e para não arriscar dizer muitos disparates desde já, começo por citar um texto de uma outra pessoa. O seu autor, João Pereira Coutinho, é jornalista, mas o que ele afirma é de tal modo apropriado ao ar que se respira actualmente que poderia bem ser corroborado por muitas outras pessoas. Creio que é um texto de 2008. Não o li, na altura, mas alguém mo fez entretanto chegar através do e-mail. Facilmente terão acesso a ele através do *Google* – essa poderosa ferramenta que hoje nos permite aceder a quase tudo.

O texto em causa tem como título: “O fim último da vida não é a excelência” e diz o seguinte:

"Não tenho filhos e tremo só de pensar. O exemplo que vejo em volta não aconselha temeridades. Hordas de amigos constituem as respectivas proles e, apesar da benesse, não levam vidas descansadas. Pelo contrário: estão invariavelmente

---

<sup>1</sup> Comunicação proferida no dia 15 de Maio, durante as XV Jornadas do Centro de Estudos de Psicanálise (CEP), no Auditório da Biblioteca Victor de Sá (ULHT, Lisboa).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Vice-Presidente da ACF.

mergulhados numa angústia e numa ansiedade de contornos particularmente patológicos. Percebo porquê. Há cem ou duzentos anos, a vida dependia do berço, da posição social e da fortuna familiar. Hoje, não. A criança nasce, não numa família mas numa pista de atletismo, com as barreiras da praxe: jardim-escola aos três, natação aos quatro, lições de piano aos cinco, escola aos seis, e um exército de professores, explicadores, educadores e psicólogos, como se a criança fosse um potro de competição. Eis a ideologia criminosa que se instalou definitivamente nas sociedades modernas: a vida não é para ser vivida - mas construída com sucessos pessoais e profissionais, uns atrás dos outros, em progressão geométrica para o infinito. É preciso o emprego de sonho, a casa de sonho, o maridinho de sonho, os amigos de sonho, as férias de sonho, os restaurantes de sonho. Não admira que, até 2020, um terço da população mundial esteja a mamar forte no Prozac. É a velha história da cenoura e do burro: quanto mais temos, mais queremos. Quanto mais queremos, mais desesperamos. A meritocracia gera uma insatisfação insaciável que acabará por arrasar o mais leve traço de humanidade. O que não deixa de ser uma lástima. Se as pessoas voltassem a ler os clássicos, sobretudo Montaigne, saberiam que "o fim último da vida não é a excelência, mas sim a felicidade!"

Alguém, comentando o texto num blogue de que não recordo o nome, perguntava o seguinte: “E porque é que o jornalista fala em maridinho de sonho e não fala em mulherzinha de sonho visto ele ser homem?!” Não deixa de ser uma forma interessante de colocar a questão, não acham? Será que os homens não têm sonhos desta natureza? Não sonham com... mulherezinhas de sonho? Lanço a questão simultaneamente aos homens e às mulheres presentes na sala, esperando que alguém ouse, porventura, agarrar o tema; quanto a mim, visto que não tenho uma resposta pronta, prefiro abordar a questão de um outro ângulo.

Graças à velocidade da Internet, uma pessoa habitua-se hoje a conviver com frases, textos, ditos variados que nos chegam à caixa de correio, vindos de diversos lugares e em doses repetidas, sem tempo, muitas vezes, para os esmiuçar convenientemente. É certo que a posição do autor não é evidente e deixa no ar, por isso, um conjunto de interroga-

ções que mereceriam outro desenvolvimento: por exemplo, será que ele não está a defender o valor do berço, da fortuna e da posição social por contraponto ao valor do mérito, a que chama “ideologia criminosa”?

Seja como for, para que o diagnóstico traçado pelo nosso jornalista seja completo, faltaria ainda, talvez, acrescentar outra coisa: é que a felicidade - que o autor, parafraseando Montaigne, coloca como o fim da vida - tem vindo a sofrer, nas nossas sociedades modernas, o mesmo destino de muitas outras coisas, aplicando-se a ela igualmente a velha história da cenoura e do burro: quanto mais se tem, mais se quer. E poderíamos até arriscar que a importância da tal “pista de atletismo” e das “barreiras da praxe” a que alude o autor se deve apenas à crença, hoje bastante difundida, de que assim vamos ser felizes, que temos de ser felizes.

\*\*\*

Isto quer dizer – é a minha proposta – que a angústia, a ansiedade e o mal-estar que nos atormentam hoje em dia já não têm exactamente a mesma natureza ou configuração nem vestem a mesma roupa que o mal-estar dos tempos de Freud. Com efeito, num célebre texto de 1930, ele fazia notar que as exigências civilizacionais são de tal ordem que implicam inevitavelmente o sacrifício ou a renúncia pulsional. O preço a pagar por tais exigências, segundo Freud, seria o crescimento, a alturas dificilmente suportáveis pelo indivíduo, do sentimento de culpa e infelicidade. Ou seja: a civilização tornar-nos-ia, segundo ele, cada vez mais culpados e infelizes.<sup>3</sup>

Pergunto: é este cenário ainda aplicável aos nossos tempos hipermodernos (Lipovetsky) ou, pelo contrário, em vez do sacrifício ou da renúncia pulsional apontados por Freud, o que se exige cada vez mais dos indivíduos é que não cedam, não sacrifiquem nem renunciem a nada, como se finalmente tudo fosse possível?<sup>4</sup> Ao invés do sacrifício ou da renúncia, o que a civilização parece hoje exigir de cada um de nós, nas mais diversas esferas da existência, é – fazendo aqui apelo a um termo de Lacan – “ainda

---

<sup>3</sup> Cf. FREUD, S. (1998), *Le malaise dans la culture*. Paris : P.U.F.

<sup>4</sup> Cf. CASTANET, H. (2006), *Un monde sans réel*. La Rochelle : Association Himeros, pp. 7-8.

mais” (encore).<sup>5</sup> Como dizia o nosso jornalista: *quanto mais temos, mais queremos*. E queremos sempre ainda mais porque nos é exigido (e nos exigimos a nós mesmos) sempre mais, ainda.

A própria felicidade entrou, de alguma forma, nesta dialéctica. Se para Freud, ela estava em desacordo com a civilização, tornando-se esta, cada vez mais, em motor de infelicidade, para nós ela parece ter-se convertido, pelo contrário, numa nova exigência, num dever ou ordem tirânicos que a tudo e a todos comanda.

Temos de ser felizes, por assim dizer, à força, custe o que custar. E se está nas nossas mãos, como se diz, levar a bom porto um tal desígnio, exige-se por vezes muita disciplina. Não a disciplina da renúncia, do sacrifício, como acontecia na civilização descrita por Freud, mas a disciplina da “autonomia”: há sempre ainda mais alguma coisa que podemos ou que temos de fazer. A questão já não reside, portanto, em saber se agimos de acordo com o dever, mas se fizemos tudo o que está ao nosso alcance para sermos felizes. O dever, agora, é ser feliz, como se a felicidade fosse uma obrigação de cada um de nós.<sup>6</sup>

\*\*\*

Mas a felicidade não é a única manifestação, nem talvez a mais representativa, do poder do “mais ainda” nos tempos que correm. Por toda a parte e em praticamente todos os domínios da existência se exige mais ainda: mais produtividade, mais consumo, mais sacrifício, mais segurança, mais controlo, mais auto-estima, mais liberdade, mais transparência, mais direitos, mais desempenho, mais prazer... O problema é que a satisfação de alguns destes aspectos colide por vezes com a satisfação de outros. Eis um dos muitos paradoxos da nossa hipermodernidade.

A passagem de uma sociedade fundada na “disciplina” para uma sociedade fundada na “autonomia”, a que o sociólogo francês Alain Ehrenberg tem dedicado vários estudos,

---

<sup>5</sup> Cf. LACAN, J. (1999), *Encore*. Paris: Éditions du Seuil.

<sup>6</sup> Cf. BRUCKNER, P. (2000), *l'Euphorie Perpétuelle - Essai sur le Devoir de Bonheur*. Paris : Grasset et Fasquelle.

está bem patente na mudança terminológica sofrida nos últimos anos em certos domínios da educação tanto por professores como por alunos. Para dar apenas um exemplo, o professor tornou-se progressivamente “formador” ou, nalguns modelos, “facilitador da aprendizagem” e o aluno “formando” ou “aprendente” (Knowles).

No tempo em que havia simplesmente professores e alunos, a educação – como dizia Freud – era ainda uma tarefa “impossível”. Numa famosa anedota que se conta – é a minha singela e modesta homenagem ao Nicolau Breynner, hoje aqui presente – Sigmund Freud, confrontado com a questão de uma mãe preocupada sobre a melhor forma de educar os filhos, respondeu: *Faça como entender, pois, de qualquer modo, fará mal.*

Hoje, pelo contrário, o discurso corrente é que não há impossíveis. Tudo é possível, diz-se, e tudo está nas nossas mãos. Depende de nós aprender, depende de nós ser feliz. E, claro está, depende igualmente de nós consumir.

Na hipermodernidade, tudo devém objecto de consumo. Mais do que um sujeito às voltas com uma questão que o atrapalha, dividido entre o que quer (conscientemente) e o que deseja (ao nível do inconsciente), é-se cada vez mais confrontado com indivíduos e comportamentos “adictos”, cuja dependência em relação ao uso (e abuso) das mais diversas substâncias e objectos (de consumo) é a nota dominante ou, se não mesmo, exclusiva.

Se o discurso que predomina numa dada época gera – ou contribui para gerar - as suas inevitáveis patologias, o discurso vigente, do *capitalismo*, não constitui excepção. Ele está na base de muitas das actuais patologias do consumo: as perturbações alimentares, a toxicomania, o consumo massivo de psicotrópicos, o uso das mais diversas substâncias estimulantes, sedativas ou modificadoras do estado de consciência, o abuso das novas tecnologias, a dependência do jogo, da Internet, das redes sociais... Enfim: inúmeras manifestações do poder do “mais, ainda” na vida quotidiana dos nossos dias.

Desse ponto de vista, é interessante pensar o que aconteceu no domínio da sexualidade desde a época de Freud. Neste caso, a separação das águas parece ainda mais nítida: de objecto de recalamento por excelência, ela tornou-se em objecto de exposição, de exibição.

Aquilo que caracteriza a nossa época não é apenas a banalização de comportamentos sexuais que eram outrora objecto de censura, mas sobretudo a exibição dos mesmos, a compulsão a exhibi-los. Na nova “civilização do olhar” em que vivemos,<sup>7</sup> tudo aquilo que é íntimo se expõe, se revela, se dá a ver ao olhar do outro. Os livros, as revistas ou, sobretudo, as câmaras incorporadas nos telemóveis ou nos computadores servem finalmente para expor a nossa intimidade, a nossa miséria ou as nossas conquistas sexuais. Os nossos êxtases. Sem vergonha nem pudor. Como dizia alguém que divulgou, há algum tempo atrás, os seus orgasmos ao mundo, é tudo muito natural.

A mudança dos hábitos e costumes, nesta matéria, bem como do discurso sobre os mesmos, poderia ser perfeitamente ilustrada pela evolução sofrida pelos filmes de Woody Allen ao longo da sua já longa carreira como realizador: do sujeito “neurótico” dos primeiros filmes (que se debatia com questões que o embaraçavam e dividiam interiormente) transitou-se para a clara manifestação da sexualidade, nas suas mais diversas formas e arranjos, nalguns dos últimos filmes. Tal como acontece noutros domínios, também aqui tudo é possível, “tudo pode dar certo”.

É por isso que já praticamente nada nos surpreende em matéria sexual. Na era da sua reprodutibilidade técnica, dizia Walter Benjamin, a fotografia perdeu a “aura”; o mesmo se poderia dizer, com as devidas ressalvas, da actual exposição, tendencialmente ilimitada, da sexualidade: na era da sua reprodutibilidade técnica, fotográfica, da sua exibição e partilha *on line*, ela tem vindo a perder a aura”. Mediatizou-se. Banalizou-se. Já não tem a mesma capacidade “transgressiva” de que falava Bataille, por exemplo. Como sonhar ainda transgredir o que está cada vez mais a céu aberto?

Já quase nada nos escandaliza, mesmo se alguns comportamentos passaram entretanto a ser objecto de criminalização (caso da pedofilia, por exemplo) ou de patologização (o novo *DSM V* prepara-se para incorporar no seu catálogo de doenças mentais um chamado “transtorno hipersexual”). Como se houvesse uma tentativa de fazer face ao imperativo do “mais, ainda” com um: “alto, lá!”

---

<sup>7</sup> Cf. Wajcman, G. (2010), *L’Oeil absolu*, Éditions Denoël, pp. 11-19.

A sexologia clínica, por seu lado, promete, a curto, médio ou longo prazo, com a ajuda da farmacologia, dos mais diversos *gadgets* ou, até, das potencialidades oferecidas pela “realidade virtual”, solucionar grande parte, se não todos, os problemas de âmbito sexual que afligem tradicionalmente os homens e as mulheres. Ao ler e escutar prestigiados sexólogos, ficamos convencidos de que a relação entre os sexos (ou, pelo menos, de cada um de nós com a sua própria sexualidade) vai finalmente ser desimpedida dos velhos obstáculos que tanta inibição, sintoma e angústia provocavam. A Dra. Erika não está completamente de acordo, como frisou na sua intervenção, mas é um pouco o sentimento que nos toma ao ouvirmos falar muitos outros sexólogos.

E quanto ao amor, pergunto? Será que resolvendo os problemas sexuais se resolve igualmente o problema do amor? É o amor redutível a um problema sexual, clinicamente tratável? Ou, pelo contrário - parafraseando um sexólogo (Júlio Machado Vaz) que sabe, como Lacan, que o amor é também poesia, invenção, descaminho, pois falta um saber no real que nos encaminhe ou predetermine de modo unívoco uns para os outros - os nossos amores vão continuar a ser “difíceis” como sempre foram? O que aconteceu ou está a acontecer com o amor nos tempos hipermodernos?

\*\*\*

Parafraseando Zygmunt Bauman, um ilustre e sagaz pensador, sociólogo, da nossa contemporaneidade, poderíamos dizer: o amor, como quase tudo o mais, tornou-se líquido, liquefez-se. Mesmo se, paradoxalmente, a atracção pelas chamadas “relações virtuais” não pára de aumentar, elas só confirmam a extrema fragilidade, volatilidade actual dos laços humanos.

Num livro publicado em 2003, o autor referido escrevia, a propósito das “relações virtuais”, o seguinte:

“Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com “compromisso”, muitos menos dos compromissos de longo prazo), parecem feitos à medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não só românticas) surjam e desapareçam a uma velocidade crescente e em cada vez maior volume, aniquilando-se

mutuamente e tentando impor a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa”. Ao contrário dos “relacionamentos reais”, é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. (...) Podemos sempre premir a tecla *delete*.”<sup>8</sup>

Mas atenção: não devemos julgar apressadamente que o autor quis sobretudo distinguir as chamadas relações “virtuais” das “reais”, como se estas permanecessem mais sólidas, por assim dizer, comparativamente àquelas. O que acontece, na verdade, no “líquido cenário da vida moderna”, é que uma tal demarcação é difícil, se não mesmo impossível. Como se a própria realidade se tivesse *virtualizado* ou se o virtual constituísse finalmente o modelo, o paradigma da própria realidade, tal como ela se estrutura ou organiza nos dias que correm. Tanto real como virtualmente, o amor liquefez-se, tornou-se líquido.

Não deixa, por isso, de ser algo estranho um certo fenómeno que gostaria de vos trazer aqui, a título, digamos assim, de contra-exemplo: o chamado fenómeno das “mulheres que amam de mais”. O seu nome foi colhido directamente no livro homónimo de Robin Norwood e tem-se espalhado rapidamente por vários países do mundo.

Acontece, por vezes, que o mais estranho na aparência é também o que está mais à flor da pele. Ao cumprirem a vocação do seu género, amar de mais – segundo a expressão que a conhecida jornalista e actriz brasileira, Marília Gabriela, usou num livro que dedicou a este fenómeno<sup>9</sup> - não cumprirão elas igualmente a vocação, o apelo do “mais, ainda” que recai, como um imperativo, sobre o sujeito e o mundo contemporâneos?

É possível. No entanto, elas são predominantemente mulheres (ainda que haja excepções do lado do homem) e o imperativo do “mais ainda” recai sobre todos, como vimos. Amar de mais, drogando-se, por assim dizer, de um amor que não vacila ante o próprio sofrimento não será o modo especificamente feminino de co-responder ao apelo do *mais ainda* nos tempos que correm? Não que os homens estejam livres da pressão do “mais,

---

<sup>8</sup> Cf. BAUMAN, Z. (2006), *Amor Líquido*. Lisboa: Relógio d’Água, pp. 14-15.

<sup>9</sup> Cf. GABRIELA, M. (2008), *Eu que amo tanto*. Lisboa: Editora Objectiva, p. 165.

ainda”; simplesmente eles respondem-lhe de outra maneira, seguindo outras vias, por exemplo o trabalho.

Há, apesar de tudo, um senão. No final da primeira de cinco cartas de amor – as mais belas cartas de amor, segundo alguns - que Mariana Alcoforado terá supostamente escrito ao seu amante francês, é dito o seguinte: “ama-me sempre e faz-me sofrer ainda mais (encore)”.<sup>10</sup> Interroguei-me, ao ler esta frase, se em vez de um facto recente, novo, não estaríamos pelo contrário ante um fenómeno mais antigo e recorrente, remetendo de alguma forma para um traço estrutural, uma “essência” da feminilidade, por assim dizer.

Não faltou, aliás, quem pretendesse estabelecer um tal vínculo, uma afeição especial das mulheres pelo sofrimento. Segundo uma tese polémica já antiga (Helen Deutsch), a essência da feminilidade residiria no masoquismo. Não vou aqui traçar as vicissitudes dessa polémica; limito-me apenas a fazer eco de uma questão que Lacan não deixou de colocar num determinado momento do seu ensino: não será o suposto masoquismo da mulher apenas uma fantasia do desejo do homem?<sup>11</sup>

A história das “Cartas Portuguesas” poderia vir, aliás, em socorro desta hipótese, uma vez que o sujeito da enunciação, isto é, aquele aparenta escrever como (e no lugar de) uma mulher é, na verdade, um homem. Porém, tal não invalida igualmente que haja entre as mulheres (que amam de mais) e o sofrimento uma certa afinidade. Pode ler-se, a este propósito, na página de rosto de um *site* brasileiro que pude consultar, a seguinte frase de Robin Norwood: “*Quando amar é sofrer... então você provavelmente está amando o homem errado, da maneira errada*”.

Há, portanto, um modo certo e um modo errado de amar. Isto responde à questão de saber, na era da “loucura quantitativa”,<sup>12</sup> em que tudo tem de ser avaliado, comparado, medido, como avaliar ou medir o que é “de mais” quando se diz que certas mulheres “amam demais”. A resposta, segundo Robin Norwood, é o sofrimento. As mulheres amam de mais, de forma errada, quando isso lhes começa a fazer mal, causando sofri-

---

<sup>10</sup> ALCOFORADO, M. (1993), *Cartas portuguesas*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 19.

<sup>11</sup> LACAN, J. (1960), “Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine”, *Écrits*, Éditions du Seuil, p. 740

<sup>12</sup> Cf. CASTANET, H. (org.) (2009), *Quelle liberté pour le sujet à l’époque de la folie quantitative*, Éditions Pleins Feux.

mento. O que se visa, então, nos grupos MADA – acrónimo de “mulheres que amam de mais anónimas” – é ajudar a restabelecer o princípio de prazer e, bem assim, o princípio de realidade, para usar aqui dois termos de Freud, onde o apelo do “mais, ainda” as leva até um excesso que lhes causa sofrimento, como se este fosse apenas a face visível de uma outra satisfação, de um *gozo*, por assim dizer, que as faz ir sempre mais além, até onde já não há limites.

Desse modo se procura fazer face à pulsão de morte, à compulsão a repetir incessantemente o que faz mal ao sujeito. Aliás, como recorda o psicanalista Jacques-Alain Miller, sabemos até que ponto os homens se têm ocupado, ao longo do tempo, em conter, limitar o gozo *feminino*, tentando encobrir, canalizar, vigiar as suas manifestações excessivas: preocupando-se com a educação das meninas, por exemplo,<sup>13</sup> encerrando as místicas ou, finalmente – diríamos nós -, tratando as mulheres que amam de mais. O que se visa, em última análise, é diminuir ou anular os estragos do amor naquelas que a tudo se permitiram, nada refrearam, seguiram em frente e se perderam, como diz tão bem a já citada Marília Gabriela.<sup>14</sup>

Este parece ser um belo propósito. Ainda assim, permitam-me que arrisque perguntar: não é próprio do amor fazer estragos? O que seria um amor que não fizesse estragos? Talvez não sejam precisos os grandes escritores e poetas (Camões, Shakespeare, Guilleragues, Camilo, Clarice Lispector, ...) para lembrar que o amor tem sempre algo de sofrido, de excessivo, de perda, de perdição... Talvez seja esse, aliás, um traço diferencial entre o amor e a amizade, tão elogiada pelos antigos pensadores (Aristóteles, Cícero, Montaigne...): a amizade não costuma fazer tantos estragos, pois mantém-se nos limites do princípio de prazer.

Serão estas mulheres que amam de mais, na época da uniformização capitalista do consumo, da objectivação científica da sexualidade e da sabedoria *light* da *Nova Era* as únicas que efectivamente transgridem, indo além do bio-psico-sociológico-

---

13

MILLER,

Jacques-Alain:

<http://www.wapol.org/fr/articulos/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=11&intIdiomaPublicacion=5&intArticulo=2102&intIdiomaArticulo=1&intPublicacion=13>

<sup>14</sup> Cf. GABRIELA, M., op. cit., p. 165.

politicamente correcto? Não serão elas o que resta de *diferença* no mundo ante a escada e o império do *mesmo*?

Por outro lado, não obstante, numa sociedade em que os elos se desfazem continuamente, é legítimo perguntar: não sonha este amor paradoxal com algo de sólido num mundo líquido? Aliás, perante a actual fragilidade dos laços humanos, o próprio sucesso dos grupos MADA parece contrapor a importância, a urgência de criar laços, de inventar novos laços. E não só: mesmo se estes grupos se apresentam como “anónimos” (como acontece, aliás, hoje em dia, com muitos outros grupos) há um desejo de ter um nome, de ver-se nomeado no seu ser.

Sob cada uma das mulheres que “tanto amam”, que amam de mais, não há, finalmente, um desejo de ser (a)mada? Não é este, afinal, um verdadeiro nome próprio daquelas que, na falta de outros elos mais estáveis, se organizam em pequenos grupos (anónimos) e se intitulam, carentes de um amor mais sólido, *madras*, ou, como poderíamos dizer: *a-madas*?

Tratar-se-á, então, de “curar” estas mulheres dos estragos do amor ou, pelo contrário, de permitir-lhes dar um passo mais, ainda, até conseguirem dizer, *à sua maneira*, e tão bem quanto possível, a função singular que ele tem (ou tinha) para cada uma delas em particular? Talvez um “novo amor” – como diria Rimbaud – possa então advir: um elo ou um modo de atar inédito para o velho sintoma que as fazia sofrer.

Ao ter inventado novos lugar de partilha, de fala e de escuta do sintoma, os grupos MADA parecem acolher, de alguma forma, esta possibilidade. Resta saber até onde...